

## DA IDENTIDADE À BUSCA DA CONSCIÊNCIA SOCIAL NO ASSENTAMENTO HORTO BELA VISTA: UM DESAFIO PARA ORGANICIDADE DO MST.<sup>1</sup>

Amanda Cristina Lino<sup>2</sup>

*“Compreender a identidade significa  
compreender a história pessoal  
é buscar além das circunstâncias  
e do aparente o que engendra o indivíduo”*  
(Odair Furtado)

**RESUMO:** Este artigo é resultado de uma pesquisa que visa analisar a constituição da identidade política, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no assentamento Horto Bela Vista construída historicamente a partir de sua luta pela terra expressa na bandeira de Reforma Agrária, e seus atuais desafios na busca da Consciência Social.

Nesse sentido sabe-se que o desenvolvimento da Consciência Social se relaciona intrinsecamente com projeto de desenvolvimento econômico, social, cultural e sustentável no território do Assentamento.

Imputam-se como desafios as famílias assentadas do Horto Bela Vista, para a consolidação da Consciência Social o fortalecimento das práticas pedagógicas existentes no assentamento e de uma organicidade que gestem as condições necessárias para que os assentados saltem do processo de identificação política com o Movimento Sem Terra para um processo de tomada de Consciência de Social, para que estes venham a ser os sujeitos históricos no processo de construção de um modelo alternativo de produção, concomitante a um novo projeto de sociedade sem exploradores e sem explorados em que o trabalho tenha supremacia sobre o capital garantindo à justa distribuição da terra, da renda e das riquezas.

**Palavras-Chave:** Identidade, Consciência Social, Práticas pedagógicas, organicidade no MST.

---

<sup>1</sup> Este artigo corresponde a uma parte da pesquisa em andamento, que não é, está sendo; e terá a sua continuidade ao longo do curso de Pedagogia da Terra.

<sup>2</sup>Graduanda da Primeira turma do Curso de Pedagogia da Terra-Turma Helenira Rezende no Estado de São Paulo, da Universidade Federal de São Carlos, e-mail: amandamst@yahoo.com.br

## **Introdução**

Quais os caminhos percorridos através da identidade na busca da consolidação da Consciência Social? Quais práticas pedagógicas que contribuem para construção da identidade rumo à consolidação da Consciência Social na comunidade do Assentamento Horto Bela Vista?

Essas são as atuais questões que rodeiam a realidade de vinte e nove famílias da comunidade do assentamento Horto Bela Vista, do Município de Iperó no estado de São Paulo que compõem o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

As experiências vividas pela comunidade do Assentamento Horto Bela Vista ilustram o fenômeno da formação da identidade política construída historicamente por seu processo de luta pela terra na segunda metade da década de 90.

Tantas diferenças e raízes culturais, Mineiros, Nordestinos, Cariocas, Paulistanos Sorocabanos, onde as diferentes histórias, práticas culturais, gerações de homens, mulheres, crianças e jovens encontram-se em um ponto comum, no processo de luta pela terra.

A experiência de luta pela terra inicia um processo educativo em que o indivíduo passa a ser sujeito Coletivo, enxergando as contradições da sociedade e se conscientizando da necessidade de realizar lutas coletivas para que seus direitos sejam respeitados. Esse primeiro processo de desenvolvimento da Consciência constrói a identidade política com a organização coletiva, no caso Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

Posteriormente, esse processo amplia a sua dimensão educativa, pois não basta o acesso a terra como instrumento de produção, a luta continua com um caráter diferenciado, a luta pelo acesso a políticas públicas que viabilizem o desenvolvimento dos assentamentos, da agricultura familiar e de produção da vida.

Os desafios no cotidiano para que a identidade política transforme-se em Consciência Social se por meio da organicidade proposta pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra presentes em várias atividades no assentamento, que propõe um modelo de desenvolvimento sustentável que promova as condições necessárias para a vida digna.

Outro elemento importante para o desenvolvimento que vem sendo discutido no Assentamento é o papel dos órgãos representantes do Estado que efetivamente que apóie o projeto de desenvolvimento dos assentamentos na conquista e implementação das políticas públicas que considere o olhar e a cultura dos sujeitos assentados.

É por estas questões levantadas pela vivência no interior do Movimento dos

Trabalhadores Rurais Sem Terra, em um momento de descenso da esquerda, em que as teorias Pós – modernas, difundem o fim da Luta de classes, que resolvi abordar as práticas pedagógicas que constroem a identidade política Sem Terra rumo à consciência Social, sendo o assentamento Horto Belo Vista um exemplo de resistência.

O MST enfrenta como desafios o fortalecimento da organicidade para que os assentados diante de seus problemas imediatos, lutas economicistas, saltem para a consciência Social e organizativa, conscientes de suas tarefas históricas.

### **Ser Sem Terra é mais que ser sem-terra**

O nome SEM TERRA representa muito mais do que um vocábulo, esse nome possui uma historicidade, uma identidade de luta, como uma situação concreta de exclusão antes mesmo do nascimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Segundo Caldart (2004) , ser SEM TERRA é mais do que ser sem-terra, é ser um lutador ou lutadora do povo, comprometido em defesa da classe trabalhadora em busca da construção de um projeto organização de vida no campo fundamentado em novos valores, afirmando uma cultura historicamente ignorada.

É através do processo de socialização vivido no acampamento, que as famílias aprendem, constroem e internalizam novos valores, diante da luta pela terra pelas dificuldades vividas coletivamente no acampamento, nascente das necessidades imediatas mencionadas, se unificam na busca de soluções imediatas para a sobrevivência no processo de acampamento (alimentação, água, lonas para os barracos, garantia de acesso à educação para crianças, jovens e adultos) começam a compreender que antes mesmo de nascerem já possuem uma identidade a ele atribuída socialmente.

A identidade está relacionada à classe social, é formada a partir das e nas relações sociais que se constroem no processo de nossa formação humana, de forma relacional e política, assim podemos concluir que toda identidade é política, pois na maioria dos casos ela está ligada á agrupamentos que almejam a conquista de seus espaços. Para Mascarenhas (2002, p.15):

“A identidade é um modo específico de articulação de um grupo. É um fato de consciência significando auto-representação ou uma auto-definição, manifestada tanto no comportamento como no discurso. É um jogo dialético entre o mesmo e o diverso. O conflito a heterogeneidade constituem um terreno propício á

formulação da autoconsciência. A identidade se constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos estabelecidos nas relações entre grupos e pessoas. A identidade de uma pessoa ou grupo é relativa á identidade de outras pessoas ou grupos. Em cada identidade reside a relação “com”,portanto,uma mediação uma ligação –relação do mesmo consigo mesmo tendo o outro como parâmetro.A representação como elemento básico de composição da identidade pode ser denominada como a expressão de um sujeito ,constituído por símbolos construídos coletivamente.”

. É trabalho cotidiano que os acampados descobrem e constroem uma identidade política de classe, tomam consciência e entendem na prática o funcionamento da sociedade e os reais motivos pelo qual lhes é negado historicamente o acesso ao essencial para vida humana, em sua condição de classe, na visão de Caldart (2004, p.19):

“A condição (individual) de sem terra, ou seja, de trabalhador rural ou trabalhadora do campo que não possui sua terra ou trabalho, é tão antiga quanto a existência da apropriação privada deste bem natural. No Brasil a luta pela terra e mais recentemente o MST acabaram criando na língua Portuguesa o vocábulo sem-terra,com hífen,e com o uso do s na flexão de número (os “sem-terras”),indicando uma designação social para esta condição de ausência de propriedade ou posse da terra de trabalho,e projetando então,uma identidade coletiva.”

A identidade coletiva é estabelecida pelos processos de dificuldades, limites da realização das demandas sociais que não são superados individualmente, mas que ao se juntarem organizadamente para alcançarem um objetivo, as reivindicações das demandas sociais se materializam em conquistas, sejam como bandeira econômica ou política. As diversas manifestações das lutas despertam o individuo, fazendo com que desenvolvam a aprendizagem a partir da vivência das contradições que enfatiza a importância do trabalho em um contexto coletivo. Na visão de Iasi (2007, p.8):

“Os contextos grupais, desde os mais imediatos ate os mais abrangentes que podem chegar a pertencimento de classe, podem produzir a situação na qual os indivíduos possam se ver nos outros suas próprias contradições, permitindo as ações coletivas e a emergência da consciência em si.”

Assim, podemos analisar que os processos da formação da identidade política Sem

Terra e da consciência social se dão concomitantemente com a conquista da terra. É o enfrentamento com as instituições que representam o Estado, de forma desigual, violenta e preconceituosa, como manifestação da organização social vigente, que contribui para que o indivíduo visualize a classe a que pertence, estabelecendo uma identidade política.

A luta por acesso a terra assume um papel educativo, onde os indivíduos apreendem o contexto e as condições da luta pela Reforma Agrária no Brasil, sobre o modelo Agrário, descobrem que são sujeitos de direitos, e que essa luta não se restringe ao acesso de meio de produção, terra, mas ao acesso a sua condição Humana.

Esse processo de descoberta enquanto sujeito social se relaciona com o processo de construção da consciência Social. Segundo Iasi (2007), a formação da consciência e um processo não são simplesmente adquiridos, estaticamente, mas está em movimento, amadurecendo por fases distintas que se superam, mas retomam formas abandonadas.

Oriunda da sua história de vida em contradições da ordem social vigente, a consciência social é fruto da dinâmica da percepção da exploração do trabalho, de falta de acesso as políticas públicas que se torna uma experiência incomum no espaço do acampamento, do exercício de identificação com o outro surge a consciência da necessidade de se organizar para fazer luta e fazer seus direitos valerem.

É no acampamento, uma condição de transitoriedade, em que o indivíduo deixa de ser individuo e passa a ser sujeito, por meio da aprendizagem da necessidade de organização coletiva com as marcas de sua vivência de exploração e um fenômeno incomum, para isso são realizadas constantes reuniões, cursos de formação e debates com objetivo de estudar as contradições vigentes em uma sociedade dividida em classes, como forma de explicar as raízes da desigualdade da qual os Sem-Terra são vítimas:

“Eram feito debates sobre o tempo em que o trabalhador empregado levava para construir uma casa.,e quando conseguia ,porque na cidade o trabalhador ficava desempregado,pagava aluguel e o que ganhava era pouco para sobreviver e com a luta ele poderia conquistar esses direitos. Conquistando um pedaço de terra vai ter trabalho para você e seus filhos e teria o que comer.”(militante MST/Iperó 2008)

Essa identidade política é reafirmada no processo de constituição do assentamento, em decorrência do processo histórico de luta e de projeção de possibilidades de uma vida digna para o assentado que permeia uma série de transformações que serão realizadas por ele mesmo.

“Para os movimentos sociais, um assentamento e uma construção resultante da luta social pela melhoria das condições de vida no campo, território de resistência onde pode existir uma possibilidade de construção de um outro, ou melhor, modo de viver. O assentado é um sujeito dessa construção.” (Scopinho, 2009, p.260)

O projeto de organização do território vislumbra o desenvolvimento de todos os aspectos da vida humana e consorciada ao respeito com a natureza, um projeto de desenvolvimento sustentável. Assim, o que seria apenas um espaço destinado ao trabalho rural, passa a estabelecer uma identidade com sujeito dos processos de luta desde a fase de acampamento.

O assentamento se torna símbolo de organização coletiva, passa a ter uma significação para além de um meio de produção econômico, mas também social, cultural, que acaba evidenciando a importância da sujeito social e do desenvolvimento do processo de apropriação da Consciência Social. Nesse sentido Caldart (2004, p. 186) destaca:

“De qualquer modo, é importante ter presente no conceito a idéia de que um assentamento é um processo histórico de transição e transformação, de organização do espaço agrário em questão. Trata-se afinal do processo através do qual um latifúndio se transforma em um espaço onde passam a viver muitas famílias, articuladas de um modo entre si.”

O processo de organização do assentamento passa a ser uma luta social com caráter diferenciado da luta pelo acesso a terra em decorrência da forma de relação e pressão com o Estado. O acampamento é a primeira etapa da conquista as condições de vida Humana e do desenvolvimento da Consciência Social, ainda muito incipiente, mais voltado para a construção da identidade SEM-TERRA

Apesar dos dois processos pertencerem a uma dinâmica concomitante e intrínseca, não dá para se referir à identidade Sem-Terra sem falar do processo de Consciência Social aprendido por esse sujeito em seu histórico de lutas pela conquista do meio de produção e posteriormente das outras dimensões de seus direitos.

**As práticas pedagógicas do MST no Assentamento Horto Bela Vista: Em busca da**

## **Consciência Social.**

É no processo de organização do acampamento da primeira ocupação em Jorge Oeterer em meados de março de 1998, que se iniciam os processos pedagógicos de formação da Identidade Sem-Terra e da Consciência Social através da organicidade<sup>3</sup> do acampamento.

O acampamento era constituído pelos núcleos de base, setores (constituição de setores como educação, saúde alimentação, segurança e estrutura) e uma coordenação (por indicação dos núcleos de base e setores do acampamento).

As pessoas do acampamento inserem-se nos setores e desenvolvem tarefas de acordo com sua afinidade e disponibilidade, acompanhadas por estudos e materiais do produzidos pelo movimento, conciliam a teoria e prática no cotidiano da luta. A acampada nos diz:

“No acampamento organizado todo mundo desenvolve uma tarefa, todo mundo está trabalhando. Tem que estar contribuindo com a organização, porque, quanto mais trabalha e organiza, mais trabalha mais a sociedade daquele município vê um acampamento bonito.”(ITERRA,p.19,2001)

Fica evidente, na fala desse acampada que enfatiza a importância da organicidade no acampamento, a forma como essa prática contribui para a sustentação do acampamento, construção do valor do trabalho coletivo, e na formação da identidade política e concomitante a formação da consciência de classe. Na visão de Bogo (1999, p.134),

“A organicidade é a forma eficiente de ir eliminando os aspectos espontâneos e ingênuos da consciência dos camponeses; estes, através do tempo, passam a perceber como se dá o controle da sociedade e onde se localizam os interesses antagônicos das classes organizadas.”

O acampamento cumpre uma função pedagógica para o indivíduo que se insere na luta, inicialmente por um interesse imediato de sobrevivência, depois passa a ter pertença a organização e aprende as primeiras lições do funcionamento de uma sociedade dividida em classes, e como esse sistema produz a desigualdade, a fome, a exploração e a miséria a qual estão condicionados.

Essa importância pode ser analisada na fala de assentados e assentadas de Goiás que trabalham com EJA:

“Para Nós o acampamento é uma escola de vida, porque passamos a entender

como funciona a sociedade excludente que fez com que nos tornássemos Sem Terra”.

“No acampamento aprende os também que é preciso lutar para que se transforme essa sociedade e a luta pela Reforma Agrária é uma ferramenta para combatermos esse sistema.” (ITERRA,p.18.2001)

A organicidade no movimento Sem Terra cumpre a função de sustentação do movimento de massas, que só pode ser criada a partir de umas estruturas orgânicas, que rompem com a espontaneidade das mobilizações, em torno das necessidades imediatas.

Os debates, as avaliações, os estudos, as místicas que retratam a realidade vivida pelos acampados, as músicas cantadas em seu cotidiano, as assembléias e reuniões são práticas pedagógicas que trabalham a construção de identidade Sem Terra e de sua condição de classe, contribuindo para o processo apropriação da Consciência Social, tanto um processo educativo de emancipação para que a comunidade possa tomar decisões em momentos necessários, fazendo com que os indivíduos sejam construtores de sua história inseridos num processo coletivos, determinados pela sua forma de organização, a coordenadora do acampamento nos diz:

“O acampamento é uma escola. Nós aprendíamos a cantar as músicas e hinos do movimento, a gente estudava muito os vícios e desvios, como o conformismo fazíamos bastante avaliação e atividade de crítica e autocrítica na coordenação. Tinha uma horta coletiva.” (Coordenadora do Acampamento HBV, 2008)

Até o momento de divisão dos lotes, estruturas, antes da concretização do Assentamento Horto Bela Vista, a vida do acampamento é muito dinâmica, onde as famílias participam ativamente das lutas, negociações e atividades internas dentro acampamento, desde atividades do cotidiano, dentro dos setores e atividades com caráter mais politizado. Há uma perspectiva maior da consolidação identidade e da consciência Social em decorrência dessa dinâmica proporcionada através da luta pela terra.

Isso acontece por uma serie de fatores, podemos enfatizar a intervenção do Estado que é menor na fase de luta no acampamento, e muitas vezes de ofensiva e embate com o Estado. Na fase de constituição assentamento Horto Bela Vista a intervenção se deu por meio do ITESP, como instituição responsável pela assistência técnica aos assentados, trouxe consigo políticas engessadas e verticalizadas que não conseguem desenvolver os assentamentos econômico, sociais e culturalmente. No momento que o acampamento se torna um assentamento ele passa a ser um território disputado, uma disputa de projetos configurada

na década de 90 em que a luta pela reforma agrária adquire um caráter político, de luta de classes, de disputa de projetos entre o Estado representado pelo ITESP e o MST. Bogo (1999, p.31) afirma:

“A disputa hoje não se dá entre o sem-terra e o fazendeiro como era na década de 80, mas sim entre os primeiros e o Estado, pois na década seguinte, inauguramos uma fase seguinte na luta de classes, que se caracteriza pela disputa de projetos políticos: um de caráter nacional, solidário e independente que leve á autodeterminação dos povos e a eliminação da fome e da miséria além de outras transformações; e outro, orientado pelos países imperialistas e o FMI, neoliberal que escancara as portas para a globalização e a intervenção direta dos países ricos nos países pobres, privatizando, elevando juros e tirando daqui nossas riquezas gratuitamente, e que preserva a concentração de terra.”

Outra dificuldade de envolvimento das famílias em torno da organicidade no Assentamento corresponde à localização geográfica dos lotes, são distantes entre si dificultando a realização das reuniões, assembléias, oficinas. O parcelamento dos lotes fora realizado pelo estado, construindo uma geografia anti-social. A lógica geográfica de parcelamento dos lotes é uma forma de organização intencional do Estado, no caso aqui, representada pelo ITESP.

O trabalho desenvolvido no lote ocupa grande parte do tempo dos assentados, e os assentados dispõem de pouco tempo para participarem de debates sobre limitações e demandas do assentamento. Geralmente a participação em reuniões periódicas se dá em torno de lutas por políticas públicas, créditos, negociações de dívidas. Mesmo com essas limitações, que possuem raízes históricas em seu processo de organização de atividades e lutas imediatas que visam dar um caráter político organizativo no assentamento HBV, as famílias participam de mobilizações, cursos do MST, o que demonstra que existe uma identidade entre o MST e as famílias do assentamento.

São nesses espaços com uma tímida participação das famílias do Horto Bela Vista que se trabalham o processo de conscientização, nas atividades desenvolvidas direcionadas as diferentes gerações. As oficinas produção de brinquedos e recreação buscam afirmar a identidade Sem-Terrinha, de capoeira, enfocando a cultura Brasileira e o legado das lutas africanas, que aconteceram no período de 1999 a 2000.

Outro exemplo é o trabalho da Associação José Guilherme Stecca - APROBIO, que agrega associados do Assentamento e vêm desde 2001 construindo um projeto produção diferenciado, enfocando o respeito e preservação da natureza, empreendido conjuntamente

com a Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica e assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no município de Iperó e que viabiliza o debate da soberania alimentar.

A associação promove atividades de formação com base nas concepções do Associativismo e da Agroecologia, como forma de trabalhar um projeto de desenvolvimento sustentável para o assentamento.

É necessário para outro modelo de organizativo de assentamento, priorize a socialização e a coletividade, rompa com a reprodução o velho paradigma de assentamentos que incentivam a produção baseada na monocultura, e utilização de agrotóxicos.

Essa lógica traz consequências agravantes, agride a natureza, criam uma dependência econômica dos assentados com as empresas produtoras desses insumos, sem ao menos disporem de recursos necessários para viabilização desse modelo de produção.

Diante desse quadro presente ainda nos assentamentos, a saída para a viabilidade produtiva no assentamento Horta Bela Vista está centrada na valorização dos princípios do associativismo e cooperação em uma perspectiva de fortalecer as ações coletivas para sustentação de um modelo de desenvolvimento sustentável, pois os assentados têm pouco acesso a políticas públicas de incentivo a produção, ainda mais quando se referem ao modelo de produção agroecológico.

“A idéia de cooperação ocupa um lugar tão importante quanto à de Agroecologia como diretriz e método do processo organizativo. Considera-se que é necessário dar outro significado ao trabalho rural revendo o modo de organizar a produção, para não reproduzir o modelo agropecuário tradicional.” (Scopinho, 2007, p.90)

É necessário enfatizar que as principais dificuldades enfrentadas no Assentamento Horta Bela Vista são de caráter estrutural. As condições precárias do solo e do sistema necessitavam de tempo e recursos disponíveis a médio e longo prazo para recompor a fauna e flora, a fim de alcançar resultados positivos a partir da prática biodinâmica. O solo necessita desde o início, de investimentos sem pretensão de retorno econômico suficiente e rápido e isso não responde satisfatoriamente a realidade das famílias assentadas.

A maior parte do plano de investimento executado no assentamento foi através de recurso do PRONAF (Programa Nacional para a Agricultura Familiar) na linha A e C. Com o tempo agravou-se o problema não contemplado na normatização deste financiamento, ou seja,

direcionado para agricultura convencional. A previsão da dinâmica da temporalidade (médio e longo prazo) da transição agroecológica e do resultado econômico é incompatível ao pagamento da dívida com o PRONAF. A Agroecologia tem diferenciação incompatível com a agricultura convencional, necessitando de normatização e desburocratização específica nas linhas de créditos e políticas de viabilização da produção Agroecologia. O caminho já percorrido e os resultados das experiências nos lotes, apresenta como oportunidade de avanço se houver condições estruturais

Mesmo diante das dificuldades apresentadas a associação traz em legado as concepções, valores e práticas apreendidas nos períodos de acampamento através das lições práticas da organicidade, da luta e das leituras de cartilhas, cursos de formação, que constrói uma cultura educativa, na visão da cooperação, da organização alimentando o sonho dos assentados de que o assentamento pode ser um espaço de acesso a vida digna. Assim mantendo viva e em movimento a forma de fazer da identidade Sem-Terra.

“A cooperação, entendida como ação social espontânea ou organizada, sempre foi essencial para o MST, desde a sua origem. É entendida como um processo de aprendizagem de longo tempo, que se inicia nos acampamentos antes mesmo da posse da terra, precisa ser continuamente revisado e assume diferentes formas, conforme se transformam as condições objetivas da realidade.” (Scopinho, 2007, p.90)

A associação cumpre o papel de resistência de um projeto de desenvolvimento sustentável da agricultura Familiar. Importante ressaltar que mesmo sem condições de acesso a créditos, por causa do processo de endividamento dos assentados, estes têm conseguido viabilizar a produção e participar do Programa Aquisição de Alimentos-CONAB, organizada pela Associação de Desenvolvimento Agrário e Compra Direta-MDS organizada pelo ITESP. O que não é suficiente para elevar as condições de vida dos assentados. A participação nestes programas demonstra que o assentamento possui um grande potencial produtivo e de diversidade da produção.

As experiências vividas no fazer do movimento, tanto na fase de acampamento, como no Assentamento Horto Bela Vista, marcam os indivíduos, e os transformam em sujeitos sociais construindo a identidade Sem Terra. Essas práticas podem ser consideradas pedagógicas pois são dotadas de intencionalidade, da formação da identidade Sem Terra

concomitante ao processo de apropriação da Consciência Social que resulta na humanização das pessoas.

“Aprendemos que o processo de formação Humana vivenciado pela coletividade Sem Terra em luta, é a grande matriz para pensar uma educação centrada no desenvolvimento humano e, preocupada com a formação de sujeitos da transformação Social e da luta por dignidade, justiça e felicidade. Buscamos refletir sobre o conjunto das práticas que fazem o dia -a -dia dos Sem Terras, e extrair lições de pedagogia que permitam qualificar nossa intencionalidade educativa junto a um numero cada vez maior de pessoas. A isso temos chamado de Pedagogia do Movimento.” (MST, 2005, p.233)

Foram apresentados aqui, exemplos de práticas pedagógicas que precisam ser fortalecidas, refletidas, reelaboradas pelos sujeitos a partir da história do Assentamento Horto Bela Vista. Valorizando a intencionalidade que cada uma dessas práticas possuem, apesar de aparentemente ser algo naturalizado por causa de 11 anos de lutas, se vê concretamente elementos na dinâmica cotidiana do assentamento a pedagogia da luta social, materializada na identidade Sem-Terra que os assentados tem com essas práticas.

### **Debates e Desafios na busca da Consciência de Classe no Assentamento Horto Bela Vista.**

A identidade política Sem Terra, as práticas pedagógicas realizadas no acampamento e hoje assentamento Horto Bela Vista, e a organicidade são caminhos trilhados pelas famílias assentadas na busca da consolidação da Consciência Social, rumo a intervenção e transformação do Assentamento.

O assentamento Horto Bela Vista apresenta limitações e fragilidades em sua organicidade, que se arrastam historicamente, desde o principio de sua luta fora muito difícil consolidar uma estrutura orgânica dentro do movimento de massas, em várias tentativas abortadas, podemos afirmar que a luta do HBV se limitando a luta conquista da terra e lutas espontâneas, em torno de necessidades específicas, como a luta por créditos, moradia.

As famílias mantêm uma forte identidade política com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e com a História do assentamento. Para que se possa ampliar o processo de formação da Consciência Social é necessário fortalecer o trabalho de base, dos princípios da organicidade, do trabalho coletivo, da dinâmica das reuniões, dos setores, das mobilizações

em torno das demandas que o assentamento possui pela ausência de políticas públicas eficientes, sendo essas pautas econômicas e específicas, mas que devem ser concomitantemente trabalhadas as bandeiras políticas, conciliando a luta econômica e política.

É preciso potencializar e valorizar as iniciativas de organização desenvolvidas no assentamento, práticas pedagógicas, pois possuem uma dimensão educativa no assentamento.

Configura-se para o MST como desafio o fortalecimento das práticas pedagógicas existentes, e como estratégia a construção de uma organicidade que responda as demandas do assentamento, transformando as demandas imediatas em lutas prolongadas e intensas, com caráter de resistência e sustentação de um projeto de desenvolvimento sustentável para o assentamento, como a da Associação José Guilherme Stecca dos Produtores Agroecológicos e Biodinâmicos Na Reforma Agrária da região Sorocabana-APROBIO rumo às conquistas, vinculando as duas formas de lutas, econômica e política, um processo pedagógico de formação da Consciência Social, onde os sujeitos se apropriem da clareza e de seu papel histórico exigindo do Estado as condições necessárias para o desenvolvimento de um projeto sustentável, econômico, social e cultural para o Assentamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGO, Ademar. Lições da Luta pela Terra. Salvador. Memorial das Letras,1999.

CALDART. Roseli,Saete. Pedagogia do Movimento Sem Terra. 3ª ed. São Paulo. Expressão Popular.2004

FURTADO, Odair. (org.) Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo. Saraiva. 1999.

IASI. Mauro Luis. Ensaio sobre Consciência e Emancipação.1 ed. São Paulo. Expressão Popular.

MASCARENHAS, Ângela Cristina. O Trabalho e a Identidade política da classe trabalhadora. Goiânia. Alternativa, 2002.

MORRISAWA, Mitsui. A História da luta pela Terra,/SP. Expressão popular,2001.

MST.Caderno de formação.Somos Sem Terra.Veranópolis/RS Iterra.2001

SCOPINHO. Rosemeire Aparecida. Em busca de “elos perdidos”: Projeto de Assentamento e modos de identificação entre Trabalhadores Rurais Assentados. in Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2009, vol. 12, n.º 2, pp. 257-270

SCOPINHO. Rosemeire Aparecida. Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais.in Psicologia & Sociedade; 19, Edição Especial 1: 84-94, 2007